



## **INGLESES E TRABALHADORES RURAIS: RECONSTRUÇÃO DE UMA COMUNICAÇÃO POSSÍVEL**

**Maria José de Souza Gerlack Vecchia**

Vice Diretora do Instituto Municipal de Ensino Superior de Bebedouro "Victório Cardassi"

Doutora em Sociologia pela UNESP – Araraquara

**Resumo:** O presente trabalho se refere à reconstrução de um momento particular da história regional do interior do Estado de São Paulo, da cidade de Matão, pólo industrial da região de Araraquara. Esse momento está circunscrito à chegada dos ingleses para administrar uma companhia agroindustrial de renome, anteriormente dirigida por um empresário brasileiro, pertencente à elite cafeeira paulista. A administração do empresário era de cunho eminentemente tradicional, onde a comunicação era realizada, em sua grande maioria, em situações face a face. Com a administração inglesa o inverso da administração tradicional, paternalista, se dava pela introdução da burocracia, alcançando quase todas as instâncias de funcionamento da Companhia Agroindustrial, das atividades dos escritórios às atividades do campo propriamente ditas. A reconstrução dessa comunicação foi realizada por meio da representação de diferentes categorias de trabalhadores que conviveram com os ingleses, entre 1924, ano em que eles compraram a companhia, até 1956, ano de sua venda para o grupo financeiro Moreira Sales.

**Palavras chaves:** Dominação, Comunicação, Linguagem, Ingleses e Agroindustria.

### **Introdução**

Pelo próprio título, o artigo se refere a reconstrução de um momento particular da história regional do interior do Estado de São Paulo, da cidade de Matão, pólo industrial da região de Araraquara.

Esse momento se refere a chegada dos ingleses em 1ª Companhia Agroindustrial – conhecida como “Fazendas do Cambuhy” – nome originado da antiga Sesmaria pertencente ao Conselheiro Gavião Peixoto, cujos descendentes venderam a Nhonhô Magalhães, reconhecido empreendedor nos negócios cafeeiros que transformou as fazendas em um articulado complexo agroindustrial em 1912, se sobressaindo sobre as demais fazendas tradicionais de café, com o nome das Cias. Agrícolas e Pastoril do Oeste de São Paulo, a CIAPOSP.



Em 1924, a Companhia foi vendida a um grupo de acionistas internacionais, sediado em Londres, que enviou uma equipe de administradores ingleses com alguma experiência anterior no Brasil, para implantar um modelo administrativo de cunho burocrático, onde até então, dominava o modelo administrativo tradicional empregado por Nhonô Magalhães.

Como um grupo de homens que pouco falavam o português, que pouco conheciam nossas áreas rurais, conseguiram se comunicar com trabalhadores rurais, na sua maioria imigrantes europeus, incluindo nesse amálgama brasileiro e japonês, garantindo o sucesso de sua administração por mais de 30 anos?

Esta é a questão mais significativa levantada por este artigo: a comunicação – uma forma de dominação?

Para tratarmos dessa indagação crucial para a elaboração do presente trabalho nos embasamos com três referenciais teórico-metodológicos. O primeiro deles, relacionado à questão da dominação, onde tomamos as reflexões de Max Weber como fio condutor das discussões.

O segundo momento se refere a reconstrução da representação que os trabalhadores, subordinados ao conjunto administrativo inglês fizeram sobre a sua experiência vivida ao longo de 30 anos de convívio profissional. Para esse momento foi tomada de empréstimo a construção de teórica de Beiger & Luckman (1985) e LEVEBVRE, 1989, sobre a construção social da realidade.

E na centralização das discussões sobre a comunicação o respaldo teórico foi em Pierre Bourdieu.

Recolhemos depoimentos de cinco trabalhadores dos mais representativos da experiência administrativa inglesa e, de acordo com suas palavras, reconstruímos passagens que buscaram explicitar como a comunicação teve papel fundamental como instrumento a serviço da manutenção da dominação.

Os trabalhadores foram divididos em dois grupos, conforme uma seleção prévia por nós detectadas ao longo das “conversas preliminares” com esses trabalhadores, pois os nossos depoimentos se estenderam ao longo de três anos.

Assim sendo, conforme critérios sociológicos dividimos o grupo nas categorias de “trabalhadores dos escritórios” e “na categoria de “trabalhadores do café”.



## **Os depoentes: sujeitos centrais de nossa investigação**

Com o objetivo de reconstruir a história da Companhia Cambuhy, durante a gestão inglesa, para complementação da documentação arrolada, procurou-se a contribuição das fontes orais. Dessa maneira, por meio de depoimentos, foram coletadas informações, que apontaram passos, tramas, fatos pouco comentados sobre a presença e ações do capital inglês em uma propriedade do interior do Estado de São Paulo, entre os anos de 1924 a 1956.

Buscou-se contemplar duas visões sobre os ingleses e sua atuação por essas terras. A primeira contempla os depoimentos dos trabalhadores que se denominou de “trabalhadores do escritório”. Homens com qualificação escolar mínima para as necessidades da Companhia. Depois de aprovados pelo gerente geral, eram submetidos a uma rotina de complementação educacional, principalmente, à aprendizagem da língua inglesa.

A outra visão procurou no entendimento dos trabalhadores braçais, da lavoura, que se denominou de “trabalhadores do café” a representação que faziam e as relações sociais que travaram com os ingleses.

Conforme Bourdieu (1989), os meios de comunicação são instrumentos simbólicos, quer como estruturas estruturantes na construção de um mundo objetivo, quer como estruturas estruturadas como discurso ou conduta, a sua função de dominação é patente.<sup>1</sup>

Em relação aos homens denominados “trabalhadores do café”, dois deles, indicados pela maioria dos trabalhadores de setores visitados/investigados, apesar da idade avançada trabalham até hoje na Companhia. Os contatos de pesquisa sempre ocorreram, por escolha deles, durante o horário de trabalho, em situações, às vezes, inusitadas como percorrer as mesmas estradas que cortam a propriedade, por várias vezes, em um mesmo dia, considerando que um deles é motorista informal para serviços internos.

Essa trajetória em busca dos “informantes”, segundo melhor entendimento, trata-se de fase crucial da pesquisa, pois a procedência da indicação fornece a posição dos informantes na estrutura das relações sociais. A partir de Seu Albano, todos os indicados “do escritório” são pessoas “naturalmente legitimadas”, como “historiadores da Companhia”. Pode-se dizer, ‘naturalmente legitimadas’, pois nenhuma delas possui formação acadêmica, são autodidatas

---

<sup>1</sup> Observar o quadro de Bourdieu sobre os instrumentos simbólicos. BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Op. Cit. P.16.



que, a partir da experiência de trabalho, na Companhia dos ingleses, tiveram a sua representação consolidada na sociedade matonense na forma de capacitados historiadores.

A respeito dos “trabalhadores do café”, por estarem ainda em atividade na Companhia e pela idade avançada em relação à grande maioria dos trabalhadores, sua representação, como parte da história da Companhia, é aceita por todos e incorporada, por eles, como “porta voz” da história da Companhia.<sup>2</sup>

Cabe lembrar que os depoimentos foram colhidos ao longo de dois anos, em que mantivemos intenso contato com os depoentes, chegando os nossos encontros a durar entre cinco a seis horas, pela vontade demonstrada pelos depoentes de falar. E as constantes voltas às casas dos “trabalhadores dos escritórios” eram cobradas constantemente, em uma intensa rede de comunicação entre eles, que se soubessem que estivemos na casa de um deles, durante a semana ligavam para saber porque não tinha ido na casa do outro. Nossas visitas, em média chegaram próximas a uma dezena de vezes, para cada um.<sup>3</sup>

Em relação aos “trabalhadores do café” as visitas eram mais curtas, pois ambos ainda prestam alguns serviços à Companhia, então nossos encontros duravam cerca de duas a três horas. Porém, eram muito ricas no sentido de que ao contar muitas passagens, íamos aos locais onde os fatos ocorreram, o que dava uma dimensão à pesquisa de que o tempo passado estava presente e as imagens ali presentes reanimava as lembranças de forma bastante intensa.

Com essa categoria de trabalhadores os depoimentos se resumiram a seis visitas, pois dependíamos de autorização prévia e horários precisos para entrar e sair da Companhia, o que não alterou nossos laços de comunicação, pois a enfermeira chefe do ambulatório da Fazenda Tamanduá, onde trabalham os depoentes, acabou por ser a ponte entre eles e a pesquisadora, pois ela telefona mandando notícias e recados deles.

---

<sup>2</sup> Um fato curioso digno de nota é que desde a segunda visita, sugeríamos o registro fotográfico dos depoentes, mas eles se esquivavam, meses depois de nossos constantes contatos quase todos nos cobraram a execução de suas fotografias.

<sup>3</sup> Sendo que muitas vezes chegávamos em momentos previamente combinados, mas em que problemas familiares os levavam a mudar a data e para não “perder a viagem”, como eles diziam, saíamos juntos, conversando, quando tinham que ir ao banco ou ao médico, momentos descontraídos que acabaram por criar



## Origens das terras do Cambuhy

Em uma retrospectiva histórica procura-se mostrar como as terras da Companhia Cambuhy apareceram no cenário nacional e, a partir delas, o fazendeiro Nhonhô Magalhães consolidou o seu nome na agricultura regional e local. Em seguida, a entrada dos ingleses nesse mesmo cenário.

“Cambuí” vem da planta silvestre brasileira, semelhante à jaboticabeira e comum na região de Matão. Segundo o dicionário “Cambuí é uma árvore da família das mirtáceas, de folhas grossas, oblongas, providas de glândulas translúcidas, flores muito pequenas, alvas e reunidas em inflorescências cimosas e cujos frutos são pequenas bagas esféricas” Dicionário Aurélio (1982:262).

Porém a palavra CAMBUHY, com h e y no final, fruto de antiga ortografia acabou por se tornar um signo forte na região de Matão, associada ao progresso de uma Companhia agroindustrial.

---

laços de amizade, que confessamos ultrapassaram os objetivos da pesquisa, de conhece-los em seu envolvimento com a equipe administrativa inglesa e as suas representações.

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Comunicação e Cultura das Minorias**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

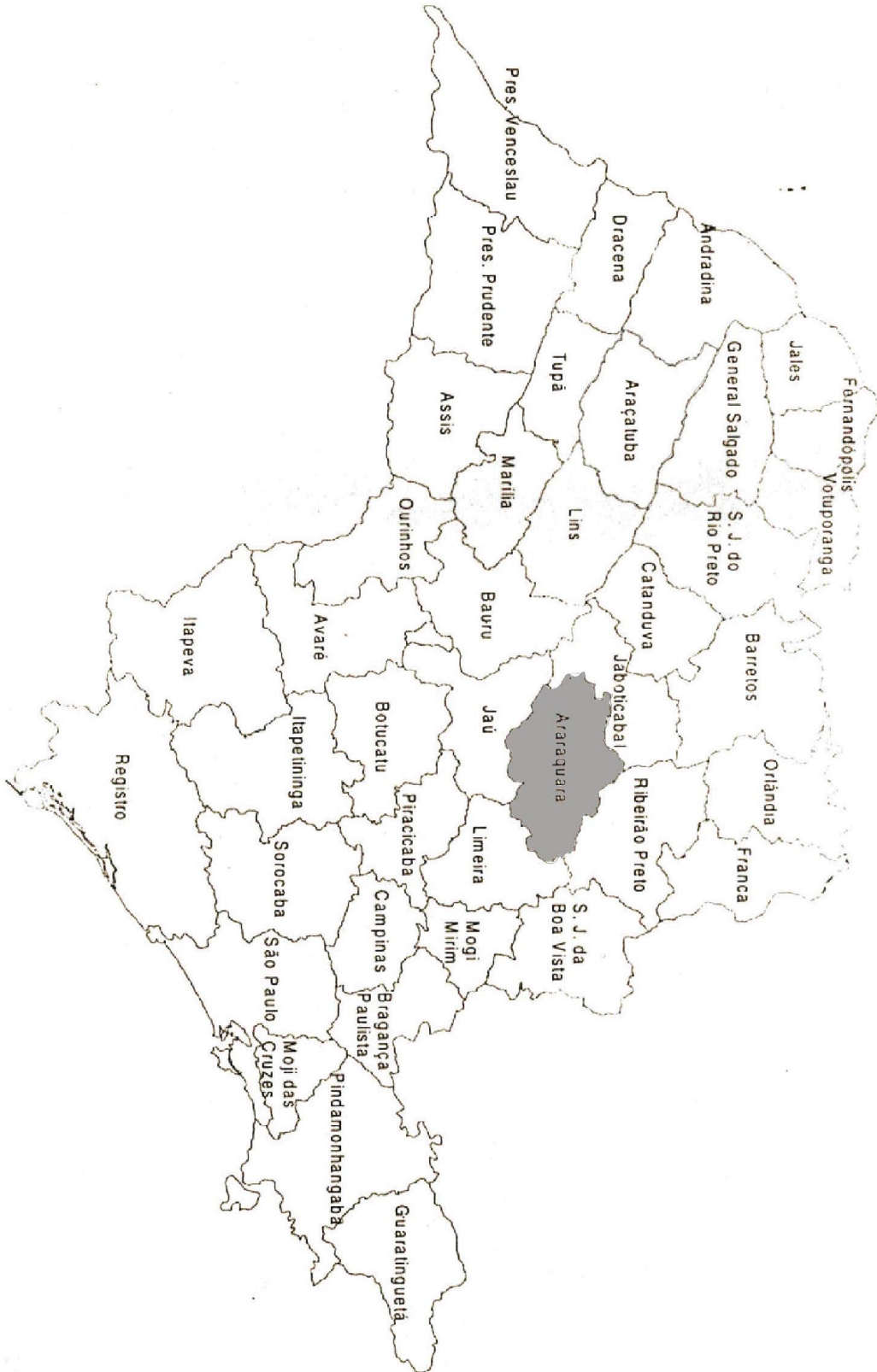


Figura 1 - Escritórios de Desenvolvimento Rural (EDRs), Estado de São Paulo.

Fonte: Coordenadora de Assistência Técnica Integral (CATI)



## Tempo de “Nhonhô Magalhães”: o tradicional com olhos no futuro

Em 1902, Carlos Leôncio de Magalhães, Nhonhô Magalhães, filho do renomado comerciante e político radicado em Araraquara, Carlos Baptista de Magalhães, fundou a fazenda Santa Ernestina. A seguir, adquiriu as fazendas de São Sebastião e Cucuí, contabilizando, em menos de uma década, 300.000 pés de café em suas propriedades.

Vendeu as três fazendas em 1911, por 1.500 contos de réis e, no final desse mesmo ano adquiriu as terras do Cambuhy, por 1.700 contos de réis, negociados diretamente com o Conselho Gavião Peixoto. Logo depois da compra a propriedade é avaliada em 4.000 contos, demonstrando o excelente negócio feito por Nhonhô.

Magalhães empenhou-se avidamente em transformar a recém adquirida propriedade em um negócio altamente rentável. Desse seu propósito nasceram nessas terras a “Companhia Industrial, Agrícola e Pastoral D’Oeste do Estado de São Paulo”, em 1912, e a “Companhia Itaquerê”, em 1924.

Nhonhô Magalhães conseguiu explorar a imensa área territorial do Cambuhy em suas diferentes e vantajosas possibilidades. Havia a necessidade de capitais, o que provavelmente levou Nhonhô a criar uma Companhia nos moldes semelhantes às diversas Companhias Agroindustriais criadas na região, desde 1904, e cuja especificidade aparentemente estava muito mais na forma de captação de recursos para aplicação no desenvolvimento da propriedade do que em novas formas de gestão.

A criação de Companhias Agroindustriais e as suas possíveis relações com as novas tendências de ocupação e aproveitamento das terras do Estado de São Paulo, conforme apontam estudiosos da área, não era um processo novo no Brasil.<sup>4</sup>

A estratégia econômica encontrada pelos fazendeiros foi à formação de Companhias Agroindustriais como uma das únicas formas da antiga fazenda transformar-se de modelo tradicional em um investimento moderno, ampliado por novas tecnologias capazes de trazer maior produtividade e lucratividade.

---

<sup>4</sup> Segundo dados do MINISTÉRIO do Trabalho, Indústria e Comércio. **Sociedades mercantis autorizadas a funcionar no Brasil de 1808 a 1946**. tem-se a informação que desde 1850 no Estado do Rio de Janeiro funcionavam 27 Companhias, número explicado pelos engenhos ligados à produção de açúcar na então capital do país, 06 em São Paulo, 02 em Minas Gerais e 01 na Bahia. Mais tarde, entre 1899 e 1909 foram listadas 10



Constatada as vantagens oferecidas aos fazendeiros na formação de Companhias Agroindustriais pensa-se na necessidade e na capacidade de captar capitais para tal fim. Difícil pensar em termos de setor econômico, uma vez que a economia nacional era basicamente agrícola, portanto, os prováveis caminhos desse acúmulo de capitais, presume-se ser, na sua grande maioria, investimentos internacionais em nossa agricultura e, no que se refere especificamente ao café a relevância indica o capital inglês como o predominante, pelo menos até a década de 20.

A ação inglesa, tão evidente, não representou nenhuma novidade para o Brasil, pois desde 1850, o quadro econômico brasileiro indicava a sua característica de país exportador, com a importação representando 94% do valor da exportação. Os empréstimos externos, que continuaram a acontecer no século XX, ajudavam a restaurar o equilíbrio preestabelecido pelo comércio internacional. Diante desse panorama, a Inglaterra apareceu como a sucessora de Portugal na exploração das inúmeras oportunidades que o Brasil, país tão grande poderia oferecer aos capitalistas.<sup>5</sup>

Se no período inicial da expansão cafeeira nascia a figura do comissário, o elo entre a plantação e a exportação, a seguir esses comércios tomam rumos específicos e as casas exportadoras, anteriormente vinculadas aos comissários emancipam-se, passando a representar os interesses ingleses e norte-americanos.

O capital inglês englobou também os serviços urbanos, os transportes férreos, marítimos, etc., em um entrosamento à cadeia britânica de interesses que cerceava as possibilidades de uma autonomia econômica.

Para tornar a situação ainda mais crítica, o intercâmbio entre o mercado e o Estado, na maioria das vezes, se confundia entre a figura do empresário e do político, tornando, dessa forma, as concessões para exploração de serviços como as estradas de ferro, por exemplo, em “empreendimento político”. Esse “político”, sendo incapaz de explorar o negócio o passava adiante, com ágio, negociando preferencialmente com o capital inglês. Há vários exemplos, o cabo submarino e a iluminação a gás são apenas dois deles.

---

Companhias Agrícolas Francesas no Estado de São Paulo, em sua grande maioria ligada à exploração do açúcar e, em 1912, uma americana e outra belga.

<sup>5</sup> Segundo FAORO, Raymundo. **Os donos do poder**. São Paulo, Globo, 1993. “O rumo do café, em expansão exportadora na primeira metade do século XIX e no fastígio nos outros 50 anos, seria o negócio do inglês e pobreza do povo brasileiro”. p.402





Cabe lembrar que uma das crises que atingiu a lavoura cafeeira no pós-guerra, em 1917, obrigou o Estado a lançar mão do “recurso emissionista” em substituição ao empréstimo exterior. Porém, em 1921, essa movimentação cambial teve que ser renegociada com um consórcio de banqueiros, do qual faziam parte os Rothschild, os Schoeder e um representante da Brazilian Warrant Co, empresa de capital inglês que compraria, em 1924, a CIAPOSP de Nhonhô Magalhães, por um preço considerado alto para os padrões nacionais da época.<sup>6</sup>

### **Tempo dos ingleses: o moderno com olhos no passado**

No que se refere ao café, a presença de Companhias inglesas em território nacional é marcante e a penetração do capital inglês foi das mais efetivas, pelo menos até o segundo decênio do século XX. Porém, o que melhor caracterizou a sua presença foi justamente a sua despersonalização como o fazendeiro, o dono, o patrão. As relações não eram mediadas pela presença do dono ou de seus descendentes, traço do modelo tradicional de dominação que era mais comum na época. O capital inglês entrava em cena dirigido por regras impostas por homens designados para fazê-lo, segundo um modelo racional-legal ou burocrático.

O modelo de dominação tradicional no quadro administrativo, segundo Weber(1991:129) “consta de dependentes pessoais do senhor, familiares, funcionários domésticos, parentes, amigos pessoais, favoritos, ou de pessoas que lhe estejam ligadas por um vínculo de fidelidade. Falta aqui o conceito burocrático de competência como esfera de jurisdição objetivamente delimitada”.

É claro que a coexistência da esfera de atividades ligadas a outras formas de dominação é possível, pois um tipo puro de dominação é mais próximo de uma situação hipotética do que da realidade concreta. O fato é que havia muitos elementos da dominação tradicional- entendida por meio das reflexões de Max Weber- na administração centrada na figura de Nhonhô Magalhães do que na situação seguinte, da administração inglesa.

---

<sup>6</sup> BETTING, Joelmir. Centenário de Nhonhô Magalhães. **Folha de São Paulo**, junho, 1975. p14.



No caso inglês, a idéia básica que perpassa o modelo administrativo, em princípio permite perceber que qualquer direito pode ser criado e modificado conforme um estatuto baseado em uma associação eleita ou nomeada e ela própria parte da empresa.

A penetração dos capitais ingleses é tão significativa quanto antiga, considerando-se que a partir da Revolução Industrial, com a utilização de novas fontes de energia, com a invenção de máquinas capazes de impulsionar a indústria têxtil, o desenvolvimento da agricultura e o controle do comércio internacional, a Inglaterra tornou-se a maior potência mundial e as suas relações com a América espanhola e portuguesa, ambas de sistema colonial, se deu por meio de acordos comerciais, contrabando e alianças com comerciantes locais.

No plano internacional, com a Independência proclamada em 1822, o Brasil em um tratado de agosto de 1825, concordou em compensar a metrópole portuguesa em 2 milhões de libras, pela perda da antiga colônia e contrair o seu primeiro empréstimo com a Inglaterra.

Marca que vem de longe na trajetória política econômica nacional, a busca de capitais fora do país, particularmente no mercado britânico, centro das atividades capitalistas internacionais, até pelo menos o início do século XX.

### **Os ingleses e a Cambuhy Cotton and Coffee Estates**

A primeira iniciativa dos acionistas da Companhia Cambuhy foi a de enviar para o Brasil homens que além da formação adequada, tivessem tido também alguma experiência de trabalho anterior no Brasil.

Não era tarefa tão difícil formar esse corpo de funcionários, pois como mencionado anteriormente, o capital inglês estendera suas teias sobre a economia brasileira, tomando conta do setor de transportes, no qual comandava a construção de linhas férreas em diversos Estados como São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, dentre outros. Assim como tomou conta do serviço de eletricidade em grandes cidades, do transporte de bondes, dos frigoríficos do interior do Estado de São Paulo, de casas exportadoras de café, nos principais portos do país, e para os cargos de chefia de tais empreendimentos, em geral, trouxe pessoal altamente qualificado diretamente da Inglaterra.



Quando, entre o final de 1924 e início de 1925, a Companhia Cambuhy procurava um perfil específico de administradores encontrou alguns dispostos a voltar para o Brasil, em nova experiência, a da administração de fazendas, no interior do Estado de São Paulo.

Para cada setor em que a Companhia se dividiu, buscava-se o perfil adequado de trabalhador, isto é, com capacidade técnica para realizar as tarefas propostas.

Seus primeiros passos foram à contratação de um contador geral e um revisor geral, ambos ingleses, o que demonstra a preocupação em manter os cargos de maior importância dentro do circuito inglês. Contratou também um mestre de obras e um agrimensor para realizar uma planta geral que desse toda a dimensão da área para as mudanças serem iniciadas.

Pelo livro de registros do plantel inglês, “o staff register”, é possível se perceber o perfil procurado na escolha dos profissionais aptos para dirigir a Companhia. Dos 20 contratados, 19 vinham de Companhias inglesas instaladas na própria Inglaterra, no Brasil e em outros países.

A área que a Companhia das Fazendas Paulistas cobria possuía 9.288,67 alqueires no município de Matão, 7.883,20 alqueires em terras de Araraquara e 5.512,23 alqueires em Tabatinga. Mas, talvez por estar a sua sede geral instalada na Fazenda Boa Vista, muito próxima à cidade de Matão, a dinâmica de envolvimento das relações entre cidade/campo se fez de forma mais marcante com a cidade de Matão.

### **A reordenação do espaço físico administrativo**

Após exaustivo balanço foram iniciadas as mudanças no espaço físico. A remodelação da Sede Central da Fazenda Boa Vista, onde do modesto escritório central nascia um amplo escritório com salas para os gerentes e secretarias. Foram construídas também salas para a contadoria, contabilidade, caixa, sala de estoques, e salas para os departamentos, tais como o comercial e o de engenharia. Um escritório para o Administrador da Fazenda Boa Vista, um centro telefônico, um arquivo, uma papelaria, um almoxarifado, uma seção de peças, outra para depósitos e um salão de trabalho. Além de uma torrefação completa e selaria, bem como uma portaria, pois a partir daí o controle sobre aqueles que circulavam pelas terras da Companhia seria rígido.

As transformações do espaço físico, no caso o interior da sede administrativa, instalando os trabalhadores dos escritórios em salas autônomas, separando-os em gerências e seções, assim como a construção de uma portaria e o imediato fechamento das outras entradas aponta indícios de uma política próxima daquilo que Bourdieu (1989) consideraria como uma “construção a partir da visão de mundo” inglesa.

Para Bourdieu (1989), a percepção do mundo social é realizada em um duplo movimento. De um lado, no plano objetivo socialmente estruturado, se reconhece a autoridade de determinados agentes que em uma combinação de probabilidades pode objetivar-se. Do outro lado, o plano subjetivo, estruturado conforme os esquemas de percepção, sobretudo, os que estão sedimentados na linguagem, produtos de lutas simbólicas exprimem o estado das relações das forças simbólicas.

Essas transformações objetivadas nos espaços físicos trazem em seu bojo também mudanças de caráter subjetivo, onde o espaço da dominação é realizado por um poder simbólico e não por uma coerção física aparente, tornando a luta dominação/sujeição mais sutil. Transpondo essas reflexões para a ação dos ingleses na Companhia Cambuhy toma-se o cercamento das terras e a separação dos espaços de trabalho em formas compartimentadas por especializações como uma transformação de duplo caráter, a do próprio espaço físico, que separa os homens por suas habilidades e do poder burocrático, simbólico, que emana dessa separação.

Essa confiança adquirida facilita o entendimento do que Bourdieu chama de “poder simbólico”, entendido como um poder invisível que só confere validade aos seus efeitos quando aqueles que estão alheios ao seu apelo são cúmplices de suas ações, quando lhe dão crédito.

Nesse sentido, entendeu-se que a cultura dominante faz a ponte de integração entre os seus membros. Há uma comunicação imediata entre os membros da classe dominante que os distingue das outras classes. Para a integração dos demais membros da sociedade no seu conjunto, há por parte dos dominantes, uma desmobilização das classes dominadas. Detectada, nos dominados, ao aceitar a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento de distinções hierárquicas e a legitimação dessas distinções.

Pode-se então observar que através da divisão das terras da Companhia em territórios, seções, departamentos, serviços, a equipe de elite, isto é, a direção inglesa, mesmo sem se



comunicar claramente na língua portuguesa, promoveu uma comunicação efetiva entre trabalhadores e elite, solidificando as posições hierárquicas, legitimadas por todos, administração e trabalhadores.

Buscou formar quadros entre os trabalhadores nacionais, de nível técnico, numa espécie de extensão da comunicação reservada aos membros da elite inglesa. Ampliando o conhecimento desses trabalhadores, por meio do ensino do inglês, de estenografia, de contabilidade, da prática esportiva do tênis, do conhecimento de música, dentre outras informações. Um conjunto de conhecimentos necessário para esses trabalhadores participassem da convivência com a direção, e levassem para os demais trabalhadores idéias e projetos, de certa forma, por eles avalizados, legitimando assim, as ordens a serem cumpridas.

Pelos depoimentos tomados esse papel de ponte dos funcionários do escritório para com os trabalhadores braçais funcionava com a convivência desses últimos, mais no sentido de transmissão das ordens em uma comunicação clara, que aos poucos os ingleses foram adaptando na sua comunicação em português, sempre representada por um carregadíssimo sotaque da língua de origem.

Mas o forte da comunicação entre os departamentos tinha sua origem nos relatos orais realizados pelos revisores, que mais de uma vez por semana, se reuniam e discutiam com o gerente geral as tarefas a serem distribuídas para as seções. Os revisores, por sua vez, a partir do que ficara combinado redigiam as cartas circulares com as tarefas, ordens, avisos, observações, etc.. Estas, depois de aprovadas pelo gerente geral, eram repassadas aos administradores. Os administradores as distribuíam entre os fiscais e chefes de departamentos. Esses chefes de departamentos se encarregavam de disseminar as ordens entre os funcionários do departamento sob seus cuidados, enquanto que os fiscais explicavam as tarefas do dia para os trabalhadores do café, mas sempre tendo o cuidado de ler perante todos as cartas circulares, como uma forma simbólica de legitimar de onde partiam às ordens.

Em algumas ocasiões em o gerente geral, ou os revisores, nas suas “andanças” pelas fazendas, para verificação “in loco” das tarefas a serem cumpridas, faziam perguntas diretas aos trabalhadores do café, ou outro trabalhador qualquer, como um tratorista, por exemplo, recorriam ao auxílio daqueles trabalhadores dos escritórios que falavam inglês e estes literalmente mediavam os diálogos, funcionando como intérpretes entre as partes.



Mais tarde, o Seu Grossmann substituiu as cartas circulares por um regimento interno que foi elaborado com base nas cartas circulares e era seguido regamente, sendo que as questões excepcionais eram diretamente reportadas ao Seu Grossmann pelos revisores, administradores e resolvidas o mais rápido possível, tornando a presença dele mais constante entre os trabalhadores do que dos outros ingleses em posição de comando.

Em relação às comunicações diárias com a sede da Companhia, em Londres, era realizada unicamente pelo gerente geral, por cartas e relatórios.

## **DEPOIMENTOS DOS TRABALHADORES**

Para melhor ilustrar a idéia da representação dos trabalhadores em sua comunicação, alguns trechos de depoimentos foram inseridos no presente trabalho.

### **Educação: sonho acalantado**

Se a pesquisa, até o presente momento, colocou como fio condutor para a categoria de trabalhadores em pauta a questão do trabalho, por que a temática se reporta à educação?

A explicação está na assiduidade com que o tema apareceu nas falas das duas categorias e como pode ser visto envolve um interesse comum entre os ingleses e homens dos escritórios, muito mais como complementação do trabalho do que como formação educacional formal.

A primeira faceta em análise procura reconstruir o objetivo inglês de criar uma ponte entre os seus homens e os trabalhadores nacionais, a partir de um longo investimento na reeducação dos trabalhadores dos escritórios, meticulosamente escolhidos pelo gerente geral, o Seu Grossmann, o homem do staff inglês que mais se aproximou dos brasileiros, vale enfatizar, quase que estritamente no campo profissional.

A partir da trajetória de vida desses homens, a maioria nascidos em pequenas cidades da região de Matão, incipientes núcleos urbanos à época, pode-se apontar a concepção deles sobre as cidades, em geral, fruto de uma mesma experiência, fundada nos produtos societários da grande lavoura cafeeira e, portanto, conhecendo a diversidade das relações sociais de um



mundo urbano vinculado à exportação da lavoura cafeeira, mundo que se complementava entre o rural e o urbano, sem grandes rupturas entre um e outro.

Toma-se para auxiliar a série de depoimentos sobre o que significava a educação para estes homens, se inicia por Seu Alceu, do dia 21 de julho de 2001, quando ele discorreu emocionado, particularmente inspirado pelas lembranças sobre a sua educação extra escolar e a importância dela na sua vida, onde pôde-se perceber que a vida na Companhia dos Ingleses não se reportava a um mundo rural isolado, longe das novidades urbanas.<sup>7</sup>

### **Seu Alceu: um longo aprendizado**

“Depois daquela negociação que eu te contei como foi, eu entrei para a Companhia dos ingleses e comecei a trabalhar para o Seu Grossman, que pagou todos os meus estudos e fez de mim um secretário completo.

Inglês, eu aprendia com a esposas dos ingleses, no escritório mesmo, depois do expediente. Quer dizer que eu passei minha vida, desses 15 anos até os 20 estudando, mas estudando mesmo.

Para se ter uma idéia, Seu Grossman mandou vir de São Paulo um especialista em taquigrafia, Seu Luis Felter, que passou quase um ano na Boa Vista, trabalhando comigo na correspondência e me ensinando. Seu Grossman sempre dava uma passadinha lá para espiar, pelo vidro da sala, que a gente chamava de pastelaria e quando viu que eu tinha pegado a coisa perguntou para o Seu Carlos, acho que era esse o nome, se eu já estava pronto e ele disse que sim, que eu era um menino esperto.

Aí o Seu Grossman me avisou que a partir do dia seguinte eu o acompanharia às reuniões e taquigrafaria tudo. Dias depois o Seu Carlos foi embora, que eu agora me lembro, viera da firma de Auditoria White Planners. Anos depois, foi ele mesmo que me acompanhou na correção dos balanços, me ensinando muitas coisas que foram úteis para o resto da vida.

Profissionais que saíram daqui, para você ver, naquele tempo, a Companhia já mandava para São Carlos, para o Sesi, o sujeito ficava lá 6 meses e 6 meses aqui na prática, tudo por conta da Companhia, aprendendo uma profissão, torneiro que fosse, 6 meses lá e

---

<sup>7</sup> Quando Seu Alceu inicia a fala dizendo que já tinha nos contado aquela negociação, ela está descrita na sua fala inicial, nos momentos autobiográficos, na introdução da Tese, p. 35.



acho que 2 ou 3 anos ficava por aqui garantido. Para você ver o espírito de administração que havia nessa Companhia, pois já naquele tempo eles se preocupavam em formar bons profissionais.

No meu caso que já te falei ficou um ano comigo um especialista só para ensinar taquigrafia. Seu Grossmann não mediu esforços. A dona Iegla me deu aulas um bom tempo, depois que viu que eu já estava bem, falou que estava bom, mas Seu Grossmann achou que não me mandou para a Dona Meg, que era mulher do Seu Faith e que era inglesa.

Seu Grossmann brigava comigo por vírgula, por pontuação, era uma briga total. Eu chegava lá no dia seguinte e tinha que levar o professor, o Seu Nimir, e dizer para o Seu Grossmann que era muito severo, que eu estava certo. É claro que ele não entendia tanto português assim, mas ele queria ver até onde eu estava certo ou não. Ele achava que era assim e eu punha de outro e ele queria saber o porque. E eu tinha que provar a o professor que eu estava certo, ou então, dar a mão à palmatória.”

### **Seu Salvador: a escola da vida**

“Os ingleses foram uma boa escola, para mim foi a faculdade que eu não tive. Não aprendi inglês porque naquele tempo a gente trabalhava das 6 horas da manhã às 6 horas da tarde e como no começo eu morava em Matão e ia trabalhar lá todos os dias, chegava em casa cansado e ficava difícil para estudar.

Não via a hora de chegar em casa jantar e dormir, porque no outro dia tinha que acordar cedo. Uma vida meio sacrificada.

Eles mesmos davam as ordens, não havia muitos encarregados não, era uma organização enxuta, hoje os departamentos são cheios de funcionários.

A gente sempre aplicou coisas que aprendemos com eles nos nossos negócios, principalmente na parte de organização. A gente sempre procurou assimilar seus ensinamentos. Se não fizesse também não viraria nada né?”

Eu só fiz o primário em Matão e já comecei a trabalhar lá na Companhia. Essa foi a minha escola, o primário e nada mais e a experiência com os ingleses foi o que muito me ajudou!





Quem trabalhou direitinho aprendeu muita coisa e está se virando até hoje, porque muita gente passou por lá sem escola nenhuma e hoje está muito bem de vida. Quer dizer, foi a escola da vida e dos ingleses o que valeu a pena!”

### **Na educação o novo estilo de vida**

“Minha filha, se fosse só isso, com o Seu Grossman eu aprendi a me vestir, a mandar fazer os ternos em Araraquara, em um alfaiate que era um espetáculo, tirava a medida e não errava nada, o terno caía como uma luva. Pois é, me ensinou a jogar tênis com ele, até a beber whiskie com estilo!

Durante esse tempo que a gente ficava junto no clube, ele só falando em inglês e eu só ali escutando e compreendendo tudo. Ele falava muito do trabalho, do que a gente iria fazer, dos seus projetos para a fábrica de óleos, do cuidado com a escrita e tudo eu ia aprendendo e trabalhando de acordo. Porque se eles eram exigentes eu dava o máximo de mim, porque tiveram outros que a Companhia procurou investir, mas que não deram tudo de si e inglês, como eu já te falei minha filha, não correspondeu, não tem mais chance, acabou. É pegar e agarrar. E foi o que eu fiz e muito bem!”

### **CONCLUSÃO**

Isto posto, a pesquisa entende que a representação exposta pelas falas dos depoentes apresenta diferenças significativas sobre o domínio inglês porque a manipulação do vivido, em suas múltiplas manifestações, se interiorizou de forma diversa entre as duas categorias de trabalhadores. As representações desenvolvidas pelos trabalhadores dos escritórios foram engendradas pelas relações sociais e pelo modo de produção, traduzidas em ideologia, ou ainda pela religião, pela educação, servindo para dissimular ou simulando situações, em uma experiência vivida muito próxima fisicamente dos ingleses.

Esses trabalhadores dos escritórios passavam a maior parte do tempo do trabalho mantendo relações diretas com os ingleses, e muito mais com eles do que com os trabalhadores nacionais, o que revela por trás da dominação um aspecto particular em relação aos trabalhadores do café, que recebiam ordens de homens de diferentes nacionalidades e

posições na escala hierárquica da Companhia. Os trabalhadores dos escritórios recebiam ordens e sofriam a vigilância direta somente do “staff” inglês.

Assim sendo, a pesquisa procurou comprovar se a ideologia e cientificidade disseminadas pelos ingleses sobre esses trabalhadores diretamente subordinados às suas ordens alcançou o mesmo grau de sujeição entre as duas categorias de trabalhadores, e também, se as representações das duas categorias sobre os ingleses divergiram ou se assemelharam.<sup>8</sup>

É desta forma que a presente investigação buscou separar os trabalhadores em duas categorias, os do escritório, como homens que transportaram para as suas vidas profissionais costumes arraigados ou apenas interesses passíveis de se entender. Mas, que também se sujeitavam, por causa da validade da ordem, regulamento do serviço, considerado como mandamento cuja transgressão acarretaria prejuízos e rejeições devido ao sentimento do dever. Tudo isso reforçado de forma significativa pela presença física dos ingleses influenciando sobre seus comportamentos e interiorização das objetividades ali colocadas face a face.

Embora a investigação tematicamente consista na análise das representações dos sujeitos, imbricadas ao vivido em um espaço de dominação explicitamente identificado por sujeitos diferentes do meio natural desses homens, os ingleses, a explicação sobre a interação social na vida cotidiana, oferecida por Berger & Luckmann (1998) auxilia a configurar uma ponte entre a realidade cotidiana e as representações de homens, décadas depois, representando o vivido em sua cotidianidade.

Conforme os autores em pauta, a realidade da vida cotidiana é partilhada com outros, e a mais importante experiência dessa interação é a situação face a face, onde o outro é aprendido em um vivido presente partilhado pelos dois sujeitos.

É a partir dessas considerações que a pesquisa entende como validade metodológica separar os depoentes por sua posição dentro da divisão social do trabalho, onde os trabalhadores dos escritórios viveram face a face com os ingleses, quase que diariamente por anos e anos.

---

<sup>8</sup> Para Lefebvre as ideologias são ao mesmo tempo produto da interpretação dos homens e da divisão social do trabalho. Tem uma base real na sociedade, mas, ao mutilar e deformar a prática social, são usadas maliciosamente, politicamente. Conforme LUFTI, Eulina. P. In: MARTINS, José de Souza, org. **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. Op cit. p.88

Porém, cabe lembrar que as tipificações da interação social tornam-se, ainda segundo os autores em questão, progressivamente anônimas à medida que se afastam da situação face a face. Relações que resultam em uma interpretação tipificada sobre os sujeitos como membros de uma certa categoria, que são observadas em certos aspectos, como por exemplo, gostos em matéria de alimentação, maneiras, reações emocionais, etc. atribuídas a qualquer pessoa da categoria dos ingleses, apreendidas em termos anônimos, qualquer inglês é igual a outro inglês.

Assim sendo, não seria a experiência face a face do passado que distinguiria as representações dos trabalhadores dos escritórios das representações dos outros trabalhadores. Há um outro elemento tipificador das experiências que estabelece pontes entre diferentes zonas da realidade cotidiana e as integra em uma totalidade dotada de sentido que é a linguagem.

A linguagem tem a capacidade de transcender o “aqui e agora”, ela é capaz de tornar presente uma variedade de objetos que estão espacial, temporal e socialmente ausentes do “aqui e agora”. Conforme Berger & Luckmann op cit. p.60. “A linguagem constrói imensos edifícios de representação simbólica que parecem elevar-se sobre a realidade da vida cotidiana como gigantescas presenças de um outro mundo.”

Como parte da experiência total do indivíduo e da sociedade ele acumula informações constituindo um acervo social do conhecimento que é transmitido de uma geração a outra e utilizável na vida cotidiana, através de símbolos de esquemas de classificação gerados pela linguagem. Desta forma, o domínio maior da linguagem colocava mais pontes entre os trabalhadores dos escritórios e os administradores ingleses do que entre os últimos e os trabalhadores do café, cuja representação tendeu a ser mais distante, mas não menos verdadeira. Pois, segundo Lefebvre, as representações na sociedade são falsas e verdadeiras ao mesmo tempo, e essa ambiguidade lhe dá o poder de manipular o vivido.

As representações dirigem-se a todos, representam a imagem de um grupo, povo ou classe, mostrando-se tanto para si como para os outros. A representação, como produto de um determinado grupo social está relacionada à problemática da exploração e da dominação. Como diz Lefebvre (1996:94) “os dominantes, através da representação, podem, sem mentir, passar uma imagem que perpetua a dominação.”



Cabe acrescentar que esse trabalho é associado à disciplina, vista como controle consentido, devido à capacidade inovadora dos ingleses explicadas pela racionalidade administrativa implantada.

A legitimidade de uma ordem, segundo Weber, pode ser garantida de maneira puramente interior, afetiva, sentimental, racional em relação à valores, por crença na validade absoluta, pela expectativa de determinadas conseqüências, ou seja, por interesses. Tal ordem pode ser por convenção, isto é, a sua validade é garantida por consenso do grupo, ou por direito, quando a validade é garantida externamente pela possibilidade de coação física ou psíquica. Em todo caso, a obediência a ordens é condicionada a situações de interesses das mais diversas naturezas, por uma mistura de adesão a uma ordem tradicional e idéias de legalidade

A separação dos trabalhadores na categoria “trabalhadores dos escritórios” partiu também da nova situação que teve início com a implantação de um sistema industrial no país, onde se fazia necessária a transferência de técnicas importadas dos países industrializados, principalmente em forma de máquinas e homens habilitados para operá-las e onde, somente alguns membros da elite nacional conseguiam o aprendizado necessário, ou estudando fora do país ou nas raras escolas nacionais de nível superior.

Dessa forma, a oportunidade de aprender, aqui mesmo, a operar com tecnologia internacional, com métodos científicos, técnicas novas, nova língua, etc., com pessoas capacitadas para ensinar, sem que fosse preciso cruzar as duras fronteiras da universidade, de certo modo, contribuiu para que os trabalhadores dos escritórios se desdobrassem em esforços para alcançar êxito em suas atividades no trabalho e extrapolou para o prestígio junto à sociedade local.

Muitos ex-trabalhadores da Companhia Cambuhy, após a sua venda pelos ingleses, fundaram pequenos negócios e, mais tarde tornaram-se empresários, o que também serviu para reforçar a identidade entre os trabalhadores e a experiência inglesa, principalmente os trabalhadores dos escritórios, que em sua grande maioria freqüentaram vários cursos, tais como aulas de inglês, taquigrafia, desenho técnico, contabilidade, etc.



## **Bibliografia**

ALBUQUERQUE, Rui H. P. L. de. *Capital comercial, indústria têxtil e produção agrícola: as relações de produção na cotonicultura paulista, 1920-1950*. São Paulo, Hucitec/CNPq, 1982.

BORIS, Fausto. *Historiografia da imigração para São Paulo*. São Paulo, Sumaré, 1991.

BOSI, Eclea. *Memória e sociedade*. São Paulo, Edusp, 1987.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Difel, 1989.

\_\_\_\_\_. *Razões práticas sobre a teoria da ação*. Campinas, Papyrus, 1996.

BUENO, Luiz Marques. *Memórias da fazenda*. Matão, scp., 1996.

CAIRES, Ângela C R. *Fios tecidos: a malha da terceirização no setor têxtil em Araraquara*. Araraquara. Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, 1999.

CANO, Wilson. *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. São Paulo, Difel, 1977.

CASALECCHI, José Enio. *Da Companhia Industrial, Agrícola e Pastoril D'Oeste de São Paulo a Cambuhy Coffe and Cotton Estates*. Araraquara, FFCL, 1973. Doutorado.

CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência*. São Paulo, Brasiliense, 1989.

COHN, Gabriel. *Weber*. São Paulo, Ática, 1978.

CORREA, A.M. C. *História social de Araraquara*. São Paulo, USP/FFCLH, 1973. Mestrado.

DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo*. Rio de Janeiro, Bertrand, 1991.



DEBERT, Guita G. *A reinvenção da velhice*. São Paulo, Fapesp/Edusp, 1999.

DEZEM, Rogério. *Shindô Rinmei*. São Paulo, Arquivo do Estado, 2000.

FAORO, Raymundo. *Os donos do poder*. São Paulo, Globo, 1991 2v..

FERNANDES, Florestan. *A contestação necessária*. São Paulo, Ática, 1995.

\_\_\_\_\_. *A revolução burguesa no Brasil*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.

FERRANTE, Vera L. S. B. O estatuto do trabalhador e o Funrural. *Perspectiva*, FFCL, Araraquara, 1, 1976.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis, Vozes, 1991.

FRANÇA, A M. *Álbum de Araraquara*. Araraquara, scp., 1915.

FRANCO, M.S. C. *Homens livres na ordem escravocrata*. São Paulo, Edunesp, 1997.

FREUND, Julien. *Sociologia de Max Weber*. São Paulo, Forense, 1987.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo, Nacional, 1977.

GNACCARINI, José C. A. *Estado, ideologia e ação empresarial na agroindústria açucareira do Estado de São Paulo*. São Paulo, USP/FFLCH, 1972. Doutorado.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo, Vértice, 1990.

JOHNSON, Allan G. *Dicionário de Sociologia*. Rio de Janeiro, Jorge Zaha, 1997.



JOHNSTON, Edward. *One hundred years of coffee*. London, scp, 1942.

MARTINS, Jose de S. *O cativo da terra*. São Paulo Hucitec, 1998.

\_\_\_\_\_. *Conde Matarazzo o empresário e a empresa*. São Paulo, Hucitec, 1973.

\_\_\_\_\_. *A chegada do estranho*. São Paulo, Hucitec, 1993.

\_\_\_\_\_. *Des(figurações) a vida cotidiana no imaginário onírico da metrópole*. São Paulo, Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. Florestan. *Sociologia e consciência social no Brasil*. São Paulo, Edusp, 1998

\_\_\_\_\_. Fronteira. *A degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo, Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. *O poder do atraso*. São Paulo, Hucitec, 1999.

\_\_\_\_\_. *A sociabilidade do homem simples*. São Paulo, Hucitec, 2000.

MOLINA, Alair et. Al. *As Relações de produção na agropecuária brasileira e a mobilidade do trabalhador rural*. Botucatu, MINTER/UNESP, 1979.

MOMBEIG, Pierre. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. São Paulo, Hucitec, 1984.

PINTO, Maria I. M. *Cotidiano e Sobrevivência*. São Paulo, Edusp, 1994.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração*. São Paulo, Edusp, 1998.

SEMEGHINI, Ulysses. *Do café à indústria*. Campinas, Edunicamp, 1991.



SILVA, Sérgio. *Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1976.

STOLCKE, Verana. *Cafeicultura*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

SZMRECSÁNYI, Tamás. *O planejamento da agroindústria canavieira do Brasil: 1930-1975*. São Paulo, UNICAMP, 1979.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997. 3v.

\_\_\_\_\_. *Paul. A voz do passado*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

TRUZZI, Oswaldo. *Café e indústria*. São Carlos, AHC, 1986.

VON SIMSON, Olga. *Experimentos com histórias de vida*. São Paulo, Vértice, 1988

ZAMBONI, Silvio P.. *O café no norte paulista: a crise de 1929 na fazenda Dumont*.

Piracicaba, USP/ ESALQ, 1979. Mestrado.